

Ensaio

A VIA SACRA: HISTORICIDADE E DEMARCAÇÕES DE UMA NARRATIVA ÉPICA

Envio: 15/04/2020 ♦ Aceite: 20/04/2020

Renata Cristina de Sousa Nascimento



Graduada em História pela UFG; Mestra em História pela UFG e Doutora em História pela UFPR. Docente da UEG, da UFG e da PUC-GO – PPG em História. Medievalista. Participante/Pesquisador do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED/UFPR). Participante da Rede Luso-Brasileira de Estudos Medievais. Coordenadora do Grupo de Estudos Ibéricos/Cnpq.

A constituição dos lugares-memória do cristianismo fortaleceu os chamados espaços de recordação. Pelo desejo de aproximação a uma sacralidade palpável, reinos e cidades recriaram em seu território uma toponímia espiritual, tendo Jerusalém como modelo. Esta ampla transposição dos passos da Paixão de Cristo delimitou a tradição e identidade cristãs. A *Via Dolorosa* foi teatralizada e inserida nas lembranças da Semana Santa em todos os lugares de devoção cristã. O conjunto de recordações presentes na Terra Santa foi coletivamente instituído e compartilhado, independente da exatidão histórica dos locais. O que importa é a construção desta arqueologia sublime, amparada nos Evangelhos. Os cristãos teriam ali uma terra sagrada, em que os caminhos trilhados por Jesus seriam vivos e demarcados. Para além da narrativa presente nas Sagradas Escrituras os pais da Igreja desenvolveram uma argumentação conceitual que revelava à religião nascente a centralidade do discurso da cruz. No ano de 350 São Cirilo de Jerusalém foi sagrado bispo desta cidade, vivendo em um período bastante conturbado da história do cristianismo, devido à controvérsia ariana e aos problemas teológicos relacionados ao Nestorianismo. Em seu trabalho doutrinário São Cirilo exaltou a exemplaridade da crucificação, buscando fortalecer

as bases da teologia cristã frente às disputas com as demais correntes consideradas heréticas. Escreveu uma destacada obra, especialmente as chamadas *Catequeses Pré- Batismais*. Na chamada *Décima Terceira Catequese aos Iluminandos* o bispo de Jerusalém afirma: “Verdadeiramente Jesus padeceu por todos os homens. A cruz não é uma invenção; se o fosse, a redenção também o seria. Não foi aparente a morte; se o fosse, a salvação seria um mito. A Paixão foi real. Ele foi verdadeiramente crucificado. Não nos envergonhemos disso.”

No século V o bispo São Paulino de Nola (353- 431), conhecido por sua atividade pastoral junto aos pobres, escreveu um conjunto de poemas em que exaltava a relevância da cruz; “Oh Cruz, amor inefável de Deus e claridade do céu! Oh Cruz, eterna salvação, terror dos malvados, amparo dos justos e luz dos cristãos! Cruz na qual um Deus feito homem, sobre a terra se tornou nosso escravo e pela qual no céu de Deus, foi o homem feito rei!” Esta base argumentativa tornou-se fundamental na solidificação da doutrina cristã em seus primeiros séculos enquanto religião em expansão. A conservação de um acontecimento declarado como inesquecível fomentou a identidade cristã, possibilitando uma reconstrução, uma remodelação de recordações. Após o advento da Primeira Cruzada (1096- 1099) Jerusalém foi conquistada pelo exército cristão. A partir deste fato foi instituído o Reino Latino de Jerusalém em 1099, sendo Godofredo de Bulhão escolhido rei. A posse do túmulo de Cristo localizado dentro da Basílica do Santo Sepulcro redimensionou ainda mais a importância simbólica da cidade, remodelando os locais atribuídos à vida e à paixão de Cristo. As Ordens Mendicantes fomentaram a partir do século XIII a devoção à humanidade de Jesus, portanto a Paixão de Cristo tornou-se central no discurso cristão. Os objetos relacionados à história da crucificação multiplicaram-se em toda a cristandade.

Escolhidos como guardiões dos santos lugares, os mendicantes, especialmente os franciscanos, se responsabilizaram pela ritualização presente nos espaços em que Cristo esteve. Entre estes destaca-se a *Via Sacra* ou *Via- Crucis*. Os Evangelhos oferecem pistas sobre o caminho da Paixão, do Palácio de Pilatos até sua crucificação no Gólgota. Por estes caminhos as estações presentes na tradição foram gradativamente delimitadas e dramatizadas. Até o final do século XV o caminho até o Calvário foi se convertendo em uma peregrinação ritualizada, em uma forma de penitência, para que o cristão pudesse presenciar, participar, sentir a mesma dor do próprio Cristo. No início eram apenas sete estações, sendo no fim da

era moderna (século XVII) ampliada para 14 estações³. As últimas quatro encontram-se atualmente na Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém. O marcante simbolismo da Via Dolorosa converteu-se em um percurso sagrado. Este percurso é hoje revivido de forma ampla em todos os locais em que a fé cristã é professada, tanto no ocidente quanto no oriente. A peregrinação da *Via-Crucis* inicialmente existente em Jerusalém e Roma, durante as festividades da Semana Santa, foi transposta, imitada, revelando sua força identitária. A linguagem artística construiu sua própria narrativa, dando intensidade visual ao acontecimento.

No Estado de Goiás duas importantes representações da Via Sacra são objetos de interesse singular: 1º - A *Via-Sacra* - 14 criações de Frei Nazareno Confaloni, que foram pintadas em 1965; 2º - A *Via Dolorosa de Trindade* - conjunto de obras de arte, em tamanho real feitas pelo artista plástico Elias Santos, na Cidade de Trindade inauguradas em 2002. Estas representações artísticas contribuem para o fortalecimento do patrimônio cultural goiano, e são elementos fundamentais na reinvenção de uma toponímia sagrada. Produtoras de memória, as encenações da *Via Sacra* presentificam a essência da santidade, que pode ser concreta, sentida e revivida em cada ato, em cada estação. Daí sua importância histórica e simbólica desenhando caminhos trilhados com fervor pelos fiéis.

Via Sacra de Trindade (4ª Estação: Jesus Encontra Sua Mãe)



³ Hoje algumas igrejas incorporaram a 15ª estação.

